



UNEB - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO-CAMPUS XIV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BAIANA

LEILA DE LIMA OLIVEIRA

A LÍRICA EXISTENCIALISTA NA POESIA DE ANTONIO BRASILEIRO

Conceição do Coité
2017

LEILA DE LIMA OLIVEIRA

A LÍRICA EXISTENCIALISTA NA POESIA DE ANTONIO BRASILEIRO

Monografia apresentada à Coordenação do Colegiado de Letras, como requisito final para conclusão do Programa de Pós-Graduação em Literatura Baiana, da Universidade do Estado da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Eysen Rego

Conceição do Coité
2017

LEILA DE LIMA OLIVEIRA

A LÍRICA EXISTENCIALISTA NA POESIA DE ANTONIO BRASILEIRO

Monografia apresentada à Coordenação do Colegiado de Letras, como requisito final para conclusão do Programa de Pós-Graduação em Literatura Baiana, da Universidade do Estado da Bahia.

Aprovada em: 14/12/2017

Banca examinadora

Adriano Eysen Rego – Orientador
Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV

Lílian Almeida Oliveira
Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV

Andrea dos Santos Mascarenhas
Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV

Conceição do Coité
2017

À memória do meu tio Patrick Callahan, pelo carinho e apoio dedicados a mim nesta trajetória e ao longo da vida.

Aos professores, pelos ensinamentos e estímulos.

Às colegas, pelo convívio e amizade.

Para o lado de dentro há outro mundo, maravilhoso.
É preciso explorá-lo. A vida do artista concentra-se sobre
o lápis; este se move e a linha sonha.

Paul Klee

RESUMO

Este trabalho busca analisar a poesia do autor Antonio Brasileiro, visando examinar os liames de uma lírica a qual apregoamos ser “existencialista”. A abordagem atenta necessariamente para postulados dentro da modernidade, bem como se fizeram necessárias leituras de textos que dialogam especialmente com a filosofia –, destacamos assim a importância das contribuições de Ernst Cassirer e Albert Camus. Para a análise poética, são relevantes os textos crítico-teóricos de alguns autores, a exemplo de Octávio Paz e Hugo Friedrich. Sua poética é soberanamente irmanada a um profundo sentimento de consternação ante ao “mundo dos homens”, mas que, ao mesmo tempo, consegue imprimir aquela possibilidade dada à poesia de arregimentar o mundo. Os poemas de Brasileiro são um convite a um possível e talvez necessário (re)encontro com nós mesmos. Artista versátil e de apurado rigor estético, Brasileiro é um poeta que entende a relevância da poesia –, ou o real valor que deve ou deveria dar-se ao poeta –, sobretudo num mundo carente de valores a que se ater. Poeta de grande expressão atual, cuja obra tem sido bem recebida tanto no Brasil como no exterior, para esta análise selecionamos três de seus mais relevantes trabalhos em poesia: *Os três movimentos da sonata* (1980), *A pura mentira* (1984) e *Licornes no quintal* (1989). Ainda outras publicações do autor compõem o *corpus* desta pesquisa, dentre as quais, seu mais recente livro, *Lisboa 1935* (2015).

Palavras-chave: Antonio Brasileiro. Existencialismo. Filosofia. Modernidade.

ABSTRACT

This work seeks to analyze the poetry of the author Antonio Brasileiro, with the purpose of examining the limits or not about the writing that we claim to be "existentialist". The approach is necessarily submitted to postulates within modernity, as well as necessary readings of texts that dialogue especially with philosophy - we emphasize thus the importance of the contributions of Ernst Cassirer and Albert Camus. For the poetic analysis, the critical-theoretical texts of some authors, such as Octavio Paz and Hugo Friedrich, are relevant. His poetics is sovereignly associated with a deep sense of consternation before the "men's world", but, at the same time, it's able to imprint that possibility given to the poetry for repairing the world. The poems of Brasileiro are an invitation for a possible and perhaps necessary encounter with ourselves. A versatile artist of the accurate aesthetic rigor, Brasileiro is one poet who understands the relevance of poetry -, or the real value that should be given to the poet -, especially in a world lacking in virtues. A poet of great current expression, whose work has been well received both in Brazil and internationally, of his estate stand out as more relevant in poetry: *Os três movimentos da sonata* (1980), *A pura mentira* (1984) and *Licornes no quintal* (1989). Still other publications of the author compose the corpus of this research, among which, its most recent book, *Lisboa 1935* (2015).

Key words: Antonio Brasileiro. Existentialism. Philosophy. Modernity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 COMPOR UM HOMEM: CAMINHOS E ABISMOS.....	11
1.1 A MEDIDA DA EXISTÊNCIA.....	11
1.2 ENTRE O POETAR E O PENSAR.....	14
1.3 UMA ESTÉTICA DA IRONIA.....	20
2 METAMORFOSE DA EXISTÊNCIA: LÍRICA E MILITÂNCIA	27
2.1 UMA LÍRICA DA EXISTÊNCIA.....	27
2.2 PARA QUE SERVEM MESMO OS POETAS?	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

Antonio Brasileiro nasceu em 1944, em Matas do Orobó (atual cidade de Rui Barbosa, Bahia). Autor de 27 publicações, entre poesia e prosa, promoveu na década de 70 importante movimento cultural que contou com a participação de poetas e artistas plásticos, a exemplo de Roberval Pereyr, Ruy Espinheira Filho e Juraci Dórea. Liderou a criação de importantes fascículos, como as revistas *Cordel*, *Serial*, e, de vida mais longa, a revista *Hera*. Eleito para a Academia de Letras da Bahia em 2009, Brasileiro é poeta de grande expressão atual –, e que ao longo de sua trajetória, tem alcançado aceitação do público e da crítica, também a nível internacional.

O escritor baiano Antonio Brasileiro, a cuja poesia nos dedicamos, é artífice de múltiplos talentos. É possível que, enquanto poeta e artista plástico, alcance a maior expressão de sua arte, em razão de conter o repertório mais exitante de seu fôlego. O autor possui obras publicadas que contemplam além da poesia, em sua maioria, ensaios, contos, tendo escrito ainda um romance e uma peça teatral. Nas belas artes, possui em torno de 3 mil desenhos e 2 mil quadros (SANTANA, 2014, p. 13).

A poesia de Antonio Brasileiro insere-se na lírica moderna sob muitos aspectos. De antemão, podemos argumentar que sua poética versa acerca de um dos temas correntes desta lírica: a angústia. Como também a solidão do indivíduo, em face de um mundo que “reduziu o homem a um mínimo”, ao romper com a tradição. Desde o Romantismo, já se fazia sentir nos grandes poetas uma penúria da existência –, certo sentimento de abandono diante de uma nova era resolutamente tecnicista e amparada na ciência (FRIEDRICH, 1978, p. 166).

A modernidade impõe novos preceitos não somente à história, mas à arte poética. Se estabelece para o mundo uma nova percepção da realidade, que adentra no universo psíquico do homem, na medida em que se multiplicam os estudos da ciência, da filosofia e das humanidades. A poesia moderna, por sua vez, busca acentuar através da magia da linguagem, esse mesmo conflito instalado no sujeito moderno, considerando essas novas perspectivas de leitura da existência.

A poesia de Brasileiro nos convida a uma busca íntima de nosso ser e acena para um enfrentamento do homem diante de si e do mundo. O poeta, como outros que o antecederam, sinaliza para o que chama de crise na civilização, uma vez que os valores constituídos pela sociedade, não dão conta de considerar a real importância da poesia. É uma temática que procuramos discutir, e que permeia a dialética do autor.

O intuito desta pesquisa de cunho bibliográfico –, que se realiza, pois, a partir de materiais já publicados (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 126), é debruçar-se sobre a poesia com vistas a atestar nossa percepção de que o poeta circunscreve uma “lírica da existência”. Para a nossa arguição, os poemas selecionados, em sua maioria, se encontram em três das principais obras do autor, aqui elencadas: *Os três movimentos da sonata* (1980), *A pura mentira* (1984) e *Licornes no quintal* (1989). Nossa escolha, no entanto, não obedece a uma cronologia, mas tem como pressuposto a exposição do objeto de análise desta pesquisa – a lírica do autor baiano Antonio Brasileiro.

Visamos comprovar, ao longo deste texto monográfico, como se inaugura essa intervenção estética na qual o escritor vê na poesia “o grau mais alto do pensar”. É, assim, um dos enfoques a serem discutidos no primeiro capítulo proposto. Que aborda ainda como a ironia se delineia na poesia do autor, a partir de uma análise criteriosa de alguns poemas. No segundo capítulo, discutimos as características de sua poesia, destacando os mais diversos aspectos. E por último, como se consagra a lírica do autor, dada a sua inscrição na literatura brasileira, considerando ainda a relevância da poesia (do poetar) como militância em Brasileiro.

A poesia contemporânea é um reflexo de nosso tempo, a exemplo da poética lírico-filosófica de Antonio Brasileiro, que almejamos tratar neste trabalho. A escolha do autor, para esta análise, considera que sua estética assinala uma imagem-símbolo da “crise humana” na contemporaneidade –, o que aponta para a relevância do tema na atualidade. A abordagem que realizamos visa agregar valores aos estudos literários, cuja temática poderá servir ainda de interesse para o campo das Ciências Sociais, uma vez que traz reflexões espaço-temporais sobre o homem.

1 COMPOR UM HOMEM: CAMINHOS E ABISMOS

1.1 A MEDIDA DA EXISTÊNCIA

Certamente, se julgarmos desde a antiguidade o que disseram filósofos como Aristóteles e Platão sobre a existência – até os nossos dias – teríamos uma discussão interminável sobre o assunto. Sócrates dizia que uma vida precisa ser examinada, para que seja verdadeiramente satisfeita. Sua doutrina, diga-se, perseguia sistematicamente o que a própria filosofia propõe ao homem: um diálogo entre consciências. Estabeleceu-se a ideia de que “só por meio do pensamento dialógico ou dialético podemos abordar o conhecimento da natureza humana” (CASSIRER, 1994, p. 16). Vejamos, em síntese, o que propuseram alguns pensadores sobre a essência do homem:

Jean Paul Sartre escreve, em 1946, *O Existencialismo é um Humanismo*. Na referida obra, o autor torna clara sua crença de que a “existência precede a essência”, exaltando a condição de que o indivíduo, ao nascer, não possui ainda uma “natureza” (SARTRE, 1970, p. 216). Esta, então, se constituiria ao longo de seu destino. Assim, declara Sartre (1970, p. 216) que o homem é “como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência”.

Se Deus não precisa nem mesmo existir, para que se inaugure o “sujeito humano”, Sartre (1970, p. 218-219) propõe uma nova reflexão para a humanidade, quando escreve: “Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser”. A visão do homem, que introduz, nega a vigência do divino, e coloca o sujeito diante do espelho: o indivíduo passa a ser seu próprio guia e mestre.

O filósofo alemão Martin Heidegger (2008, p. 62) considera que a essência humana é metafísica, e assim define o homem: *animal* (sensibilidade) e *rationale* (não-sensível). Em *Ser e tempo*, assinala que: “Na era em que apenas o poder tem poder, isto é, na era da afluência incondicional dos entes ao abuso do consumo, o mundo torna-se um sem-mundo na medida em que o ser ainda vige, embora sem vigor próprio” (HEIDEGGER, 2008, p. 80). Para Heidegger (2008, p. 62), o homem “deve errar pelo deserto da desolação da terra”, por ser ele o *animal rationale*: o único responsável por tudo que cria e destrói.

Friedrich Nietzsche (2001, p. 117) proclamou em uma frase: “Eu não sou um homem, sou uma dinamite”, o enunciado se encontra em *Ecce Homo*, obra peculiar – por considerar-se, em parte, sua autobiografia. Este livro, diz o autor, “consiste em preparar para a humanidade um momento de supremo retorno à consciência de si mesma” (NIETZSCHE, 2001, p. 92). Nietzsche atacava principalmente os conterrâneos – os quais contradiziam “uma vida que se eleva e se afirma” –, ao se submeterem à moral cristã.

Eis a tônica do pensamento *nietzschiano*: promulgar o “além-do-homem”, que é ninguém mais que aquele que entende que a existência é feita de abismos. Pois, segundo o filósofo, o homem precisa enfrentar o dia que vem, não contemplando a condição decadente de possuir apenas um “corpo” e um “espírito”. É o ser que, nas palavras do filósofo, requer a “Transmutação de todos os valores”, ou seja, não crê numa verdade absoluta como fim.

No que tange à natureza humana, tais discussões podem tornar-se em um eterno contínuo. Consideremos ainda que, se acordarmos para o fato de que “o conhecimento de si mesmo é a mais alta meta da indagação filosófica” (CASSIRER, 1994, p. 9), não fechamos com a questão. Talvez possamos torná-la ainda mais complexa, se, como afirma Ernst Cassirer (1994, p. 25-26), “a contradição é o próprio elemento da existência humana”. O homem, na visão do autor, não possui uma “natureza” em definitivo. E completa: “Ele é uma estranha mistura de ser e não-ser. O lugar dele é entre esses dois polos”¹.

Em confronto com a poesia, temos na acepção de Octávio Paz (1982, p. 231) que “a condição da palavra poética não é diferente da natureza do homem, ser temporal e relativo”. Essa medida, segundo Paz (1982, p. 232), aponta que o homem “quer se realizar como totalidade e cada uma de suas horas é o monumento de uma eternidade momentânea”. Em vistas de alcançar sua plenitude, o Ser move-se, desta maneira, à cata de outros eus para que transcenda sua condição última.

O poeta Antonio Brasileiro, no que suscita o fazer poético, aponta²: “Compor o que seja é a atitude mesma de criador. Compomos o mundo, é assim que penso.

¹ Diz Benedito Nunes (1999, p. 66): “Não só porque é ele mortal, e sem princípio superior do qual derive, isto é, sem fundamento último metafísico ou teológico, mas porque como mortal é finito e, ainda, porque diz respeito ao estado da congênita incompletude do conhecimento humano, a autonomia do sujeito cognoscente funda-se numa atitude derivada do compreender, que é temporal e histórica”.

“Compor o homem” é algo que está a cargo do artista” (SANTANA, 2014, p. 313). Nesse intuito, trazemos preliminarmente o *Estudo 165* de Brasileiro (1980, p. 78), em que o poeta introduz a ideia de uma medida do homem. Neste sentido, ele tece, através do imaginário poético, imagens que sugerem uma “tessitura” da existência. De que é feito o homem? Qual a sua essência? Dita assim, poeticamente:

Compor um homem
 com suas tramas, seus dramas,
 teogonias, gramáticas, soluços;
 compor um homem,
 do orvalho matinal compor um homem,
 do céu cheio de estrelas, do mistério
 do homem
 compor o homem; compor um homem
 da criança que há no homem, do homem
 a adivinhar-se em antiquíssimas retinas;
 compor um homem
 com seus soluços, gramáticas, teogonias
 – e recitá-lo perante os outros homens.

São versos em que se detém a ideia de “Compor um homem”, cremos, como um desvelar de enigmas. Brasileiro suscita uma gama de artifícios que aparecem como próprios da condição humana, porém, perpassada pelo assombro, com o homem a produzir “tramas”, “dramas” e “soluços”. Ao passo que a relação com o sagrado sugere uma gênese também divina, o que explicaria a presença do termo “teogonia”. Reside aí o eterno retorno àquele dito propagado: “De onde viemos? Para onde vamos? ” .

A poética de Brasileiro mantém uma relação íntima com o mistério da existência. Quando propõe compor a criatura “do mistério do homem”, desse mesmo homem “a adivinhar-se em antiquíssimas retinas”, refere-se o poeta à origem do Ser, à origem mesma de todas as coisas. É ainda uma exaltação à “criação”: “O poema que, para o poeta, é, como o homem, também o resultado de uma composição” (PEREYR, 2012, p. 89). A poesia de Antonio Brasileiro é referencialmente mítica, influenciada ainda pela filosofia oriental e, que deste modo, preserva uma relação especial com o sagrado. Este e outros aspectos da poética do autor serão analisados com mais profundidade nesta pesquisa.

² O enunciado, em questão, foi proferido em entrevista concedida ao jornalista e escritor Valdomiro Santana, a 30 de novembro de 2006, na cidade de Feira de Santana, e que se encontra integralmente na referida obra *Experimentação-vida: a poesia de Antonio Brasileiro*.

Quando Heidegger (2008, p. 173) diz que “medir consiste, sobretudo, em se conquistar a medida com a qual se há de medir”, é questão ainda insolúvel, pois o homem não alcançou o pleno conhecimento de si –, sobre isto se debruçaram pensadores em todos os tempos. Contudo, pensar o homem, num sentido de ressignificação como sujeito, a partir de uma reflexão filosófica ou poética, via de regra, está a cargo do poeta e do pensador.

Esse projetar-se para além de si, se torna possível através do apelo da linguagem poética, uma vez que, como diz Heidegger (2008, p. 166), “em lugar de agir, os poetas sonham”. Essa intervenção poética, em que fantasia e realidade se conjugam, e que torna possível ao homem transcender sua condição limite, é que nos interessa explorar na poesia de Brasileiro. Com o intuito de fazer vicejar nossa conjectura de que o autor baiano consagra uma lírica “existencialista”, prosseguimos para este fim.

1.2 ENTRE O POETAR E O PENSAR

Para aprofundar essa discussão em que, as linguagens poética e filosófica se tocam, faz-se necessário abordar alguns pontos circunstantes que se interpõem às reflexões de natureza humana, e que são cruciais para a análise que realizamos da poesia Brasileiro. A começar por uma constatação: a de que o homem, em todos os tempos, esteve imerso no universo da autocontemplação. Estabelece-se, deste modo, que “sem a introspecção, sem uma consciência imediata dos sentimentos, emoções, percepções e pensamentos, não poderíamos sequer definir o campo da psicologia humana” (CASSIRER, 1994, p. 10).

O sociólogo inglês Anthony Giddens (2002, p. 104), aponta que “não há cultura moderna que não incorpore em algum sentido, como parte central da sua filosofia, as noções de sina e destino”. Considerando os termos “sina” e “destino”, reforça-se a ideia de que o homem, através de suas crenças, em alguma medida crê numa espécie de determinismo cósmico. E que outros indivíduos, contrariamente, insistem na consciência de um curso natural no qual o sujeito traça os contornos do próprio caminhar.

Do outro lado estão os mitos. Não se pode ignorar o fato de que “todas as formas de conhecimento, das mais primitivas às mais elaboradas, derivadas das anteriores, portanto, são igualmente eficientes na sua tarefa de traçar os contornos do real” (SEIXAS, 2015, p. 37). Assim, para a compreensão e elucidação de questões que

envolvem a natureza humana, a ciência, através da mitologia, da antropologia, da sociologia, cumpre papel elementar. O escritor Albert Camus (2014, p. 70), assim manifestou-se em *A Desmedida na medida*: “A terra! Esse grande templo abandonado pelos deuses, a tarefa do homem é povoá-lo com ídolos à sua imagem, indizíveis, rostos de amor e pés de argila”.

Sobre os mitos também discorre Antonio Brasileiro, que crê na importância de compreendê-los. Diz o autor, cuja poesia é povoada por muitos deles: “As pessoas que têm a sorte de compreender os mitos levam uma vantagem sobre as outras, porque o mito, com o mínimo de palavras, abre um universo gigantesco”³. Deste modo, o autor considera que a linguagem mítica assume importância tanto quanto a linguagem poética em sua tarefa de veicular uma mensagem. Vejamos estes breves dísticos do poema *Persistência do si* (1989, p. 44):

Os mitos persistirão.
Nós, não.

(Ser poeta é ser um pouco
esta ilusão.)

Os mitos se fazem presentes, muitas vezes, sem que sequer percebamos, pois o “mito associa-se à *criação*, ao *que será*, ao que acontece como inauguração do ser. É representação coletiva no sentido de que a experiência de um ou uns poucos se passa a uma coletividade” (ARAÚJO, 2005, p. 22). Para muitos pensadores, é válido ressaltar, o homem só pode ter consciência de sua alteridade em conjugação com a vida social. Mais além, o mito:

[...] realiza o esforço de explicação relatorial de mundos, epifanias, descobertas anímicas, que se enuncia após a experimentação e o arrojo, a inteligência e a formulação, a palavra, imagem ou o gesto exprimindo o mundo e as realidades humanas, com as complexidades do real, menos conteúdo e mais forma, margens de indeterminação e profundas extrações (ARAÚJO, 2005, p. 22).

Passemos à religião. O filósofo Ernst Cassirer vê “uma lógica do absurdo” na religião, pois afirma que esta propõe a existência de um Deus oculto (*Deus absconditus*), que não encerraria o mistério do homem. Na verdade, não faz mais do que acentuá-lo, uma vez que fala de um Deus que sequer mostra-se, deste modo,

³ BRASILEIRO, Antonio. *In: Usina: Fábrica de Ideias*. Feira de Santana-Mar/Abr, 2000, p. 14.

“até mesmo a sua imagem, o homem, não pode ser senão misteriosa” (CASSIRER, 1994, p. 27). Por sua vez, não são poucos os jargões que introduzem a ideia de que “Deus está em todas as religiões”, que “todos os caminhos levam a Deus” etc.

O que a Filosofia Cristã prega é que a “existência de Deus” é universalmente conhecida em todas as culturas, posto que “todos os homens chegam a formar uma ideia de Deus, pois trazem implantadas em suas almas uma “antecipação”⁴ deste saber” (BOEHNER e GILSON, 1985, p. 44). O escritor Umberto Eco (1984, p. 114) fala da existência de um só Deus que, todavia –, apresenta-se de forma dúplice:

A questão é que as ideias de Deus que povoaram a história da humanidade são de dois tipos. De um lado está um Deus pessoal que é a plenitude do ser (“Eu sou como aquele que é”) e que, portanto, resume em si todas as virtudes que o homem não tem, sendo o Deus da onipotência e da vitória, o Deus dos exércitos. Mas esse mesmo Deus se manifesta frequentemente de maneira oposta: como aquele que não é.

Em resumo, o escritor italiano propunha que “esse Deus tornado leigo e infinitamente ausente”, que poderia ser chamado pelos nomes de “vórtice”, “abismo”, “deserto”, “solidão”, “silêncio”, fez que o homem, na impossibilidade de alcançá-lo, o “encontrasse” na ciência, na psicanálise etc. Ideia esta que vai de encontro às asseverações de Albert Camus (2014, p. 62), quando este diz sobre o Deus cristão: “Mas sua verdade e sua grandeza param na cruz e no momento em que ele proclama seu abandono. Arranquemos as últimas páginas do Evangelho e eis que uma religião humana, um culto da solidão e da grandeza nos é proposto”.

Ao cabo, parece ser inerente ao homem essa necessidade mesma de encontrar sua origem, potencializar a existência e sublimá-la, seja através do incognoscível ou por meio da arte. Ouçamos ainda o que nos diz Eco (1984, p. 112):

O homem, de algum modo, sente que é infinito, isto é, capaz de querer tudo, digamos. Mas percebe não ser capaz de realizar o que deseja, e então precisa imaginar-se um Outro (que possua em medida optimal o que ele deseja de melhor) e a quem se delegue a tarefa de preencher a fratura entre o que se quer e o que se pode.

A primeira aventura filosófica do escritor Antonio Brasileiro teria sido por volta dos 17 anos, ao ler “Considerações Intempestivas”, de Nietzsche, obra que o teria

⁴ A “antecipação” ou “iluminação natural de Deus” de que falam os autores, corresponde à revelação do próprio Deus ao homem.

impressionado. Diz o autor baiano: “Há, pois, que acolher os versos do poeta e o dizer dos filósofos” (BRASILEIRO, 2012, p. 131). Certo estamos da real significância desta afirmação, pois, de modo particular, um e outro nos desvelam a realidade. Sendo assim, julgamos pertinente compreender a linha tênue entre este “poetar” e “pensar” de que nos fala o poeta. Brasileiro (2012, p. 143) assim assevera: “Duplo equívoco: um, de imaginar que poesia e filosofia são assim tão distintos; outro, o de não ver na poesia justamente o grau mais alto do pensar”. Cumpri-nos traduzir esta meditação.

Partimos da constatação de que na alta modernidade, os contornos da existência cada dia mais projetam um estilo de vida em que nossa intimidade é atravessada por valorações de ordens diversas. As escolhas dos sujeitos, vivendo em um mundo fragmentário, acabam por promover a cultura do risco. O ser humano transita constantemente num jogo de confluência em que a *autoidentidade* está submetida a uma suscetibilidade de relações instáveis, sejam de ordem social, conjugal, sexual etc.

Desse modo, especialistas apontam a necessidade de um *projeto reflexivo*⁵ do eu. Para a psiquiatria, o sujeito não pode abster-se dessa reflexividade que se condensa entre a configuração social e o *status* pessoal. Vivemos em um século, dizem, que tem suas próprias doenças: depressões, síndromes etc. Anthony Giddens (2002, p. 16) aponta que “a falta de sentido pessoal – a sensação de que a vida não tem nada a oferecer – torna-se um problema psíquico fundamental na modernidade tardia”.

Trata-se de um mundo em crise em que a máquina humana parece convalescer à instauração da ordem moderna? São sintomas de uma era pós-tradicional que tem suas próprias demandas, como em qualquer época? Contudo, para este milênio, urge a necessidade de uma escuta sensível, de um sentido maior para a existência. Por outro lado, quem se inclina a ouvir os filósofos? Ou, quem se lança na busca de esquadrihar os contornos de um poema? O que nos diz o ensaísta: “As palavras são frágeis, bem sabem aqueles que delas se aproximam. Mas são o estofado do homem – é o que dizem os pensadores” (BRASILEIRO, 2012, p. 122).

Na visão de Brasileiro, vivemos tempos difíceis, tempo de “coisificação do mundo”. As ideias são consumíveis e, com a mesma velocidade que são assimiladas,

⁵ A expressão “projeto reflexivo” é utilizada por Anthony Giddens para explicar a reflexividade que, na ordem pós-tradicional, se direciona à autoidentidade; esta, por sua vez, expressa cada uma das escolhas pessoais que nos definem enquanto sujeitos.

muitas vezes e facilmente são desprezadas. Nas palavras de Antonio Brasileiro (2012, p. 117), “as lições são rápidas, humanamente esquecidas, e é preciso sempre revocá-las”. O autor nos comunica ainda:

Há um descompasso nos valores humanos, e tanto mais grave é esse descompasso quanto sabemos que a própria ideia de valor foi abalada. Os mitos sobre os quais sustentaram-se os ideais e se fizeram as civilizações, estão ruindo (BRASILEIRO, 2012, p. 127).

Há que se buscar assim contemplação, pois “o que hoje se entende por habitar está açulado pelo trabalho, revolvido pela caça de vantagens e sucesso, enfeitado pelo lazer e descanso organizados”, diz-nos o filósofo (HEIDEGGER, 2008, p. 165). E toda a filosofia, na prática, é um esforço contínuo para o aprimoramento de nossos instintos, em que o homem e seus conflitos são tema central (PAZ, 1982, p. 36). Nietzsche (2005, p. 16) acrescenta:

[...] toda a teleologia se baseia no fato de se tratar o homem dos últimos quatro milênios como um ser eterno, para o qual se dirigem naturalmente todas as coisas do mundo, desde o seu início. Mas tudo veio a ser; não existem fatos eternos: assim como não existem verdades absolutas. – portanto o filosofar histórico é doravante necessário, e com ele a virtude da modéstia.

De outro lado, está o poder salvador ou restaurador da arte, que, na poética de alguns autores, pode repercutir como antídoto para o caos assinalado na modernidade –, a exemplo da poesia de Antonio Brasileiro. Como parece alertar o poeta sobre nossas atitudes e anseios, em seu poema *Bagatelle* (BRASILEIRO, 1989, p. 53):

Construímos impérios distantes do coração,
imperfeito que somos.
E acabamos cegos, como antes.

De modo categórico, Brasileiro (2012, p. 132) comunica que “o dizer da poesia é que é tudo. Mesmo não se traduzindo numa unanimidade, pode-se dizer que os filósofos reconheceram na poesia a linguagem mais depurada”. Nesse sentido, Antonio Brasileiro fala especialmente de Heidegger, a quem dirige palavras elogiosas. Heidegger (2008, p. 165) faz uma séria constatação, quando nos aponta que “o espaço e o pouco de tempo que, no modo atual de habitar, ainda resta para o poético, acontece, no melhor dos casos, quando nos ocupamos das letras, do belo espiritual, veiculado em publicações ou por outros meios comunicacionais”.

Nietzsche (2005, p. 108) assim descreve a importância dos poetas: “Na medida em que também querem aliviar a vida dos homens, os poetas desviam o olhar do árduo presente ou, como uma luz que fazem irradiar do passado, proporcionam novas cores ao presente”. Contudo, o autor vê a poesia como a “catarse” concebida por Aristóteles –, ao admitir que a poesia “acalma e cura provisoriamente”.

São alimento para a alma a alta meditação dos filósofos e o inventar dos poetas. De fato, prescrevê-los se faz necessário ao homem, uma vez que não encontramos todas as respostas em nós mesmos. Diz Brasileiro (2012, p. 125): “Há sempre que perguntar pelo sentido das coisas e do mundo. As respostas, bem sabemos, traduzem mais a ânsia por uma certa quietude do espírito que propriamente o desvelar dos enigmas”. Há, sobretudo, na poesia de Brasileiro, muito deste pulsar: uma tentativa de se compreender os tumultos do ser, as circunstâncias vozes interiores que ressoam do eu lírico. Como em seu breve poema *Têmporas Brancas*, em que o poeta demonstra estar em atrito com a condição limite em que se encontra (BRASILEIRO, 1989, p. 47):

As noites são invenções da inquietude.
Um homem é para ser desperdiçado.

Mas, cabe aqui ressaltar, Brasileiro não vê uma salvação do indivíduo na poesia ou por intermédio dela. Antes diz, ela (a poesia) “não salva coisa alguma. Nem está aí para isto” (BRASILEIRO, 2012, p. 145). Em outras palavras, o vicejar dos poetas e também dos pensadores são uma espécie de ponte pênsil – só que feita de palavras. Será preciso, então, que o homem transponha esse limite que o separa do contato experimental com o texto filosófico ou o poético. Assim nos fala Brasileiro (2012, p. 145): “Nossa intenção foi tão só a de alertar para a possibilidade de um maior enclausuramento dos homens na sua cegueira. Presos, por assim dizer, do lado de fora”.

Não à toa considera-se que a poesia, na Grécia antiga, tenha contribuído para a formação do pensamento filosófico, uma vez que a criação poética era para os gregos como a religião. E, aponta Octávio Paz (1982, p. 240), que “nenhum outro povo se incumbiu, com semelhante ousadia e grandeza, da revelação da condição humana”. Se o poder natural da poesia é desencobrir o mundo, tingi-lo com a tinta mais pura para que possamos enxergá-lo, isto exige que possamos nos aproximar do objeto de arte que é o poema. Não há mágica possível, pois, “como sobretudo quer a

grande poesia: muda para o mundo, só àqueles que sabem interrogá-la concede o seu sorriso” (BRASILEIRO, 2012, p. 125), é o que diz o poeta.

Paz (1982, p. 231) chama a atenção para o apelo que traz a poesia, quando sugere que “não é tanto o que o poeta diz, mas o que vai implícito em seu dizer, sua dualidade íntima e irreduzível, que outorga às suas palavras um gosto de libertação”. E faz ainda distinção da condição especial da palavra poética, quando diz que “essa revelação não é um saber de algo ou sobre algo, pois então a poesia seria filosofia” (PAZ, 1982, p. 234). Para Antonio Brasileiro, a linguagem poética, em essência, supera a linguagem filosófica. Não estão tão distantes assim em intencionalidade, dissera. Mas, é justamente no pensar do poeta que se encontra este saber “implícito” de que fala Paz, e que nos alcança na conjugação do fazer poético. Julgamos, assim, que “o grau mais elevado” do poetar, de que fala Brasileiro, encontra eco na afirmação de Paz.

É certo que coube ao homem, em diferentes épocas, um enfrentamento de suas crises. Mas temos, para este milênio, o desafio premente de vencer a solidão e o terrível isolamento a que estamos submetidos na pós-modernidade. Viver é trafegar entre caminhos e abismos. E como já dissera Antonio Brasileiro (2012, p. 128), devemos de fato buscar respostas para os nossos enigmas, “certo que o homem é para ser solucionado. Pelo menos assim se quer: sua arte, sua religião e sua filosofia por isto precisamente existem”.

1.3 UMA ESTÉTICA DA IRONIA

A ironia é um traço marcante na estética de Antonio Brasileiro, está expressa em seus ensaios, na ossatura de grande parte de seus poemas. Seu discurso traduz uma leitura da realidade na qual rejeita parte do que humanamente se crê como civilização. Roberval Pereyr (2012, p. 78) diz que o poeta chega a chamar os homens de “insensíveis, decadentes, materialistas grosseiros e alienados”. Este mesmo tom, carregado de uma “atitude de ironia e repulsa – sempre marcada pela surpresa e por um humor muitas vezes cáustico” (PEREYR, 2012, p. 78), é dirigido de modo particular a Deus e aos homens na poesia de Brasileiro.

Brasileiro, em seu famoso ensaio *Da inutilidade da poesia*, anuncia: “O animal arcaico que é o homem foi como que sustado em pleno voo; o risco (o traço) que deveria haver para representar sua trajetória tornou-se tão só um emaranhado de

linhas confusas chamado presente” (BRASILEIRO, 2012, p. 146). Esta explicação tanto esclarece quanto reforça a ideia de que a existência, para o autor, não passaria de um “plano mal concebido”. Contudo, o poeta deixa-nos uma inquietação, através de sua poesia, para pensarmos de que modo desentranharemos esse “presente” no qual estamos cingidos, como que por uma profecia.

Sua poética assim interpela, como se humanamente encerrados entre muros que nós mesmos construímos, ou condenados a viver num labirinto (sem fio de Ariadne que nos alcance), vivêssemos sob céus implacáveis e já não pudéssemos, enquanto “raça”, encontrar salvação. Se estabelece então uma inquirição, através da qual o poeta se dirige a Deus, “autor da criação”, como responsável pelo caos da humanidade. Como apreendemos do derradeiro verso de seu poema *Assombros* (BRASILEIRO, 2005, p. 74): “É tudo Deus soprando um fogo extinto”.

A ironia⁶, ou “arte da persuasão”, como define a autora Lélia Parreira Duarte (1994, p. 57), “busca estabelecer verdades que interessam a determinada perspectiva”, o que se evidencia em muitos dos poemas de Brasileiro, onde o sarcasmo e o humor também são característicos. A ironia, que é assinalada na poesia de Antonio Brasileiro, apresenta-se em uma perspectiva filosófica, na medida em que identificamos em seus poemas uma “relatividade do homem e do mundo, supostamente sujeito, mas assujeitado produto de uma cultura” (DUARTE, 1994, p. 57), neste caso, o indivíduo subjugado pela ordem social.

A ironia é articulada, deste modo, por meio de uma das vozes do discurso, que, por sua vez, dirige-se a outrem, tendo em vista uma “pessoa” ou “objeto” a ser criticado. Tudo isso, dentro de um contexto histórico-cultural e também ideológico. Com isso pretende-se defender ou desestruturar o *status quo* de uma sociedade, a partir daquele que contraria determinada visão de mundo. Em Brasileiro, a crítica se estabelece a partir de uma profanação às ideias de Deus segundo o cristianismo, assim como a rejeição aos homens a partir dessa mesma “verdade”. Desse modo, a ideia fixa de que a culpa está em Deus ou nos homens – seres falíveis, é que sustenta o poeta-ironista.

⁶ O conceito de ironia não admite apenas um significado. Uma análise em nível histórico demonstrará que, em distintas épocas, essa figura de linguagem assumiu novas interpretações. Em termos gerais, “define-se a ironia como a figura de retórica em que se diz o contrário do que se diz, o que implica no reconhecimento da potencialidade de mentira implícita na linguagem” (DUARTE, 1994, p. 55). Tomamos, assim, a perspectiva crítica da autora Lélia Parreira Duarte como norteadora nesta discussão.

Para explicar como a imagem de Deus se presentifica na poética do autor, escolhemos o poema *Vinte e tantos anos, quase cem*. O eu lírico reporta a Deus seus queixumes, e como se lhe apresentasse uma carta ou bilhete em definitivo, anuncia (BRASILEIRO, 2005, p. 211):

Ao deus nosso adeus. De esperar,
cansamos. Esperançados
ninguém nos socorreu...

Ao grafar “deus”, como substantivo comum, o poeta parece rechaçá-lo enquanto árbitro, visto que o “Deus” (que é “Onipotente, Onipresente e Onisciente”), em nada socorrera aos homens. O poema assemelha-se a uma prece, em que o poeta reporta o consignado clamor de muitos, como se vê:

Nem as respostas queremos. Nossas chaves
não abrem porta alguma. Nem há portas.
E ninguém foge. A jaula é tudo. Deus
é a cadeia – imensidão, cosmos. Cansamos.

De modo incontestado, Deus aparece como o único responsável pela grande tragédia humana na terra. Um agudo sentimento de perturbação se faz implacável nos dizeres “A jaula é tudo”, “Deus é a cadeia”, como se estivéssemos todos, deste modo, “presos”, encarcerados na imensidão do universo. O eu lírico, por fim, acena para uma resolução que prima ser necessária:

Mister recomeçamos do princípio, não do Princípio:
Do princípio. Sem enigmas, sem filosofias.

A distinção que se faria entre “princípio” e “Princípio”, é a de que, como se para fugir dos desígnios divinos, o primeiro termo indicaria assim a lucidez do próprio homem, ao desprezar “verdades” (“Sem enigmas, sem filosofias”). No nosso entender, o poeta propõe que o homem encontre respostas em si mesmo. O segundo termo reportaria à criação do mundo, que no livro de Gênesis, aparece no primeiro versículo do texto bíblico: “No princípio, criou Deus os céus e a terra”. Se instala assim a necessidade de (re)começar a partir do próprio homem, rejeitando a “criação divina”.

Outro exemplo é o poema de longo título *O mundo que deste pequeno quarto vejo e não compreendo*, escrito na década de 90. O poeta Antonio Brasileiro (2005, p. 101) assim escreve na primeira estrofe:

O mundo
 que deste pequeno quarto vejo e não compreendo,
 que de wall street veem
 e não compreendem,
 prossegue
 na sua sinistra valsa de sintaxes
 escuras.

O poema traduz essa reflexão: seja em Nova York (“que de *wall street* veem”) ou no quarto do poeta, de onde este vê o mundo, os enigmas do existir persistem. E que, no poema, estão representados como “uma valsa de sintaxes escuras”. Na segunda estrofe, fica clara a recusa a tudo que se proponha como “juízo divino”:

Entretanto,
 até o dia do sem-juízo
 final, do megacrepúsculo de tudo,
 aqui hei de estar, nesta mesa /
 aqui hão de me encontrar
 / um poema, uma ira, uma esperança.

A ironia dirigida a Deus, aparece aqui como uma antífrase, uma provocação em referência ao “Juízo Final” (“até o dia do sem-juízo”), que para os cristãos representará o julgamento eterno de todas as nações diante de Deus. Tem-se assim que “a estratégia da ironia será basicamente a de falar por antífrases, principalmente se ampliando o conceito de “contrário” para “diferente” e se se considerar que a ironia “expressa” muito mais do que diz” (DUARTE, 1994, p. 55). Porém, o exemplo que torna mais evidente a ideia de como o poeta concebe a representação da figura do soberano, aparece no poema *Visão dos anos 80*, texto que transcende a temporalidade –, visto que a temática se alinha às tensões vividas nos dias atuais.

No supracitado poema, Deus aparece rindo espantosamente da tragédia humana, como vê-se na estrofe final (BRASILEIRO, 1984, p. 25):

Governo e terroristas
 defrontam-se na avenida
 e olham para o céu: não é
 nada, é Deus
 gargalhando com uma lira nas mãos.

A lírica de Antonio Brasileiro encontra-se, deste modo, atrelada à ideia de que é vã a existência, como se vivêssemos a lutar no escuro. Passamos a examinar agora como a ira é dirigida aos homens. O poema que analisamos a seguir, intitulado *O*

elevar-se dos chãos, é um dos mais recentes da lavra do escritor. Temos aí um exemplo em que a temática se alinha ao discurso do poeta. Lê-se na primeira estrofe (BRASILEIRO, 2015, p. 23):

Por que vejo tudo isso
como um anjo vê o homem:
um lutador de perdidos
frágeis arroubos humanos

O eu lírico, na projeção do anjo, vê o homem como um ser dado a emoções efêmeras (“frágeis arroubos humanos”) e fracassado em suas faculdades (“um lutador de perdidos”). O poema segue:

ante os gestos suavíssimos,
dele, o anjo (não o homem)
a lutar, talvez, com um sorriso
de compreensão pelo humano,

humaníssimo desejo incontido
de ser mais, mais que um homem
– um homem no exercício
de elevar-se dos chãos humanos:

Se estabelece, aqui, a condição de que o “anjo” é, portanto, superior em essência e apto a discernir o íntimo “desejo” humanamente impossível: o de elevar-se o homem de sua condição limite. Temos assim na expressão “ elevar-se dos chãos humanos”, a palavra “chão” em seu sentido conotativo: como metáfora que sugere, no plano da condição do indivíduo, sua insignificância. O anjo, defendemos, seria o próprio poeta na tentativa de ressignificação do Ser.

Por fim, o que outrora distinguia o “anjo” do “ser humano”, os une pela irrisória condição humana na constatação do eu lírico:

eis que concludo disso,
que não há o anjo, só o homem
e seu arquissonho impossível
de ser mais que o só humano.

Trata-se, deste modo, de um poema em que a ironia aparece implicitamente, sinalizada por meio de versos como “humaníssimo desejo incontido” ou “e seu arquissonho impossível”, acentuando uma incompletude ou a impossibilidade de uma realização pessoal do sujeito humano.

Em *Estudo 157*, o poeta dá provas de que sua poesia está intimamente presa à condição de “ser homem”. E que condição é esta? A de ser sofrível, como os demais (BRASILEIRO, 1980, p. 77):

E sinto dores, fomes, injustiças.
 Não sou o vento que tange árias dúcteis
 nos eucaliptos: sou um homem;
 e vejo os homens de banda.
 Não aprendi com o vento estas lições.
 O vento é o vento, eu
 sou um soluço.

Sobre a lírica do autor, a poetisa Myriam Fraga (2005, s/p) descreve: “A inquietação de estar no mundo permeia esta poesia. Uma poesia metafísica, no sentido mesmo de perplexidade frente ao mistério da existência, da inutilidade de todas as coisas diante do tempo que passa, inexorável, em seu eterno fluir”. O poema aponta, deste modo, essa contradição: o “ser homem” é parte de uma tragédia anunciada, na qual o mesmo não é senão o tirano. Temos assim nos versos finais:

É ríspida minha poesia.
 Não aprendi com o vento, mas com os homens.
 E os homens não passam – os homens doem.

Temos um exemplo ainda mais nítido que aponta para essa “ira” direcionada aos homens, agora, com mostras de um humor cáustico. Trata-se do poema *Os dentes cor de rosa do ilusor*, em que o poeta, com doses de elevado sarcasmo, exprime (BRASILEIRO, 1989, p. 114):

Tenho um amor cruel pelo meu próximo:
 um dia ainda hei de libertá-lo.
 Hei de libertá-lo para vê-lo perdido.

A ironia, no primeiro verso, se evidencia com a expressão paradoxal “amor cruel”, que, de modo algum, sugere uma “afeição” para com o outro ser. O humor corrosivo prossegue – o humor é aqui identificado, uma vez que o poeta ri dos homens e, conseqüentemente, de si mesmo. Temos na definição de André Comte (2009, p. 231-232) que “a ironia ri do outro (ou do eu, na autoderrisão, como de um outro); o humor ri de si, ou do outro como de si, e sempre se inclui, em todo caso, no disparate que instaura ou desvenda”. Acatamos assim que “o dito irônico, portanto, ataca e ao

mesmo tempo procura reforços; critica e simultaneamente busca apoio para o ponto de vista defendido” (DUARTE, 1994, p. 59), como adiante, onde o eu lírico dirige-se de forma direta ao leitor:

Somos iguais. Tu que me lês,
piscas um olho para tua sombra
e fazes de conta que estás acreditando.
Mas acreditas. Porque somos iguais.
Somos tão poucos que nos reconhecemos
na mais espessa noite.

A poesia de Antonio Brasileiro é ainda, em sua leitura da realidade, o reflexo histórico-cultural de nossa época, naquilo que é próprio da contemporaneidade, e que está na “singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (AGAMBEN, 2009, p. 59). Em *O homem, seus álcoois*, torna-se evidente esse trânsito de pensamento, em que o poeta enaltece essa capacidade mesma de o homem abismar-se diante das procelas da vida, e que é tão fulgurante na lírica do autor. Como faz saber Roberval Pereyr (2012, p. 87), poeta e contemporâneo de nosso escritor, a linguagem lírica promove uma “*unidade nas cisões e nos desvios mais flagrantes do homem, numa época de crise*”. No poema, em questão, Brasileiro (2005, p. 50) interroga (e interroga-nos):

Ou somos só isto mesmo:
a solidão entre álcoois,
o alçoz da nossa própria alma troncha?

Diz-nos Valdomiro Santana (2014, p. 15) curiosamente que, em Brasileiro, “a capacidade de espantar-se diante do mundo [...], assim como veio de ludicidade, com um senso infantojuvenil de humor”, esteve sempre presente em sua poesia.

Cumpre-nos dizer assim que a ironia, mais que figura de retórica, é decisivamente o ponto culminante na tônica poética do autor. É válido ressaltar ainda que “o reino da ironia começa, portanto, quando o artista perde a certeza da totalidade clássica, quando o homem se reconhece e ao seu mundo como fragmentado, incompleto, incongruente” (DUARTE, 1994, p. 63), o que enaltece essa estratégia em Antonio Brasileiro. Assim, no corpo do poema se acham artifício, fingimento, mentira – no jogo da persuasão –, com vistas a sensibilizar o leitor ou interlocutor.

2 METAMORFOSE DA EXISTÊNCIA: LÍRICA E MILITÂNCIA

2.1 UMA LÍRICA DA EXISTÊNCIA

Em que se constitui a lírica de Antonio Brasileiro? É o que vicejamos alcançar, e aqui partimos da constatação de Hugo Friedrich (1978, p. 24), que sublinha: “o tempo interior constituirá o refúgio de uma lírica que se esquivava à realidade opressora”. Realidade esta, a modernidade, que, com todo seu arsenal mecanicista, não faz senão erigir poetas “alienados” a tal espécie de sociedade, e que passam a ver “na própria anormalidade a garantia para a sua vocação” (FRIEDRICH, 1978, p. 24). Com efeito, o poëta de Antonio Brasileiro encontra-se preso a esse mesmo lirismo.

Charles Baudelaire, tratado como “o pai da modernidade”⁷, e outros nomes como Rimbaud e Mallarmé, ofertaram um descortinar para a poesia futura. No ensaio *Le peintre de la vie moderne*, Baudelaire (1991, p. 109) exalta a premente ideia de captar o “eterno” no “transitório”, este fala: “A modernidade é o transitório, o fugaz, o contingente, a metade da arte, cuja metade restante é eterna e imutável”. Disse Baudelaire sobre o papel que caberia ao artista moderno (BAUDELAIRE apud BENJAMIN, 1989, p. 76):

Antes de tudo, o verdadeiro pintor será aquele que souber extrair da vida presente o seu lado épico e nos ensinar a compreender em linhas e cores como somos grandes e poéticos em nossas gravatas e botas envernizadas. — Possam os verdadeiramente pioneiros oferecer-nos no ano próximo a singular alegria de festejar a chegada do verdadeiro novo!

Sobre os poetas modernos, Octávio Paz (1982, p. 237) revela que em todos eles “com maior ou menor ênfase, o poeta se alia ao teórico, o criador ao profeta, o artista ao revolucionário ou ao sacerdote de uma nova fé”, no intuito de promover uma outra era. Como diz o autor de *O arco e a lira*, a fé e a poesia se aproximam, uma vez que “a experiência poética, como a experiência religiosa, é um salto mortal: um mudar de natureza que é também um regressar à natureza original” (PAZ, 1982, p. 166). A poesia e a religião, assim, se constituem em possibilidades de o homem encontrar-se —, ou são um atalho para este fim.

Mais além, a modernidade abraça todas estas formas de pensar o Ser, seja através da ciência, da filosofia ou religião, e que a arte, por sua vez, retroalimenta e

⁷ Charles Baudelaire, também conhecido como “o poeta da modernidade”, é um dos inventores desta palavra e é considerado ainda o fundador da modernidade francesa (FRIEDRICH, 1978, p. 35).

faz reverberar. Paz (1982, p. 196) ainda comunica que foi Descartes quem revolucionou nossa visão da realidade, uma vez que “o subjetivismo moderno afirma a existência do mundo exterior exclusivamente a partir da consciência”. Desse modo, eclode uma explosão de novos conceitos e teorias que irão colidir, por sua vez, com as “ideias de Deus”, posto que:

Deus desapareceu de nossas perspectivas vitais e as noções de objeto, substância e causa entraram em crise. Eis por que onde o idealismo não destruiu a realidade exterior – na esfera da ciência, por exemplo –, converteu-a num objeto, num “campo de experiências”, despojando-a assim de seus antigos atributos (PAZ, 1982, p. 196).

Daí então as “certezas” passarem a “hipóteses”, na chamada cultura do risco na modernidade pós-tradicional. A poesia moderna se apropria, do mesmo modo, dessa dúvida que caracteriza a razão crítica no mundo contemporâneo. Já no século XXI, no campo das relações psicossociais, se acentua ainda mais a fragmentação do indivíduo, para quem, ironicamente, tudo parece estar ao alcance das mãos – considerando, neste caso, o apelo principalmente das mídias eletrônicas. Como ainda nos fala Giddens (2002, p. 12): “Na alta modernidade, a influência de acontecimentos distantes sobre eventos próximos, e sobre as intimidades do eu, se torna cada vez mais comum”.

O mistério do existir, a chamada “idealidade vazia”, é um rumor característico da lírica moderna, de modo que, para alguns poetas, como Brasileiro, que negam a crença em uma “fé redentora”, a própria poesia se constitui em uma redenção diante do mundo, em que “a consagração própria do poeta, as experiências autênticas ou artificiais da dor, da melancolia, da nulidade do mundo, libertaram forças que redundaram em favor da lírica” (FRIEDRICH, 1978, p. 31). Podemos perceber esta explosão de sensações no *Estudo 127*, de Brasileiro (1980, p. 74). Eis alguns versos:

Não mais estarmos sós com nosso riso.
E siso. A solidão agora é uma ordem.
Para sempre sofreremos.
Sofreremos e estarmos sós com nossa sombra.
E a sombra é íntima e devora e é sombra e é íntima.

São versos em que o eu lírico sintetiza essa condição de o sujeito moderno encontrar-se atribulado, como consequência de uma sociedade em transformação que o oprime, e cuja “ordem” impõe que “sejamos sozinhos”. Ao final, a própria

modernidade parece constituir-se nessa “sombra” que nos “devora”, e da qual não poderemos fugir.

Roberval Pereyr (2012, p. 78), vai a fundo na análise que faz da poética de Brasileiro, e revela que “a aterradora solidão cósmica e essa ausência – que não é apenas a ausência de Deus, mas, em sentido amplo, de valores estáveis a que se ater – constituem-se no preço de uma ilimitada liberdade de criação”. E que na lírica de Brasileiro, julgamos, se apreende através de circunstâncias que acenam como um clamor da existência. Pois o escapismo, a fuga à realidade hostil que está na negatividade própria da contemporaneidade, faz o poeta apelar a “forças superiores” em operações distintas.

A primeira delas, refere-se à condição mística, que anui à presença de forças primordiais do universo (“forças superiores”, “forças do mistério”), e que aparecem com vigor na simbologia de algumas palavras, numa interrogação sobre uma possível origem ou explicação para as coisas: “Ó sideral galáxia de mil sonos! / Onde os primeiros poetas, onde/ os domadores indômitos de nuvens?” (BRASILEIRO, 1980, p. 96). Em *A noite das nove luas*, temos: “Vou explodir com os planetas/ vou seguir a rota das galáxias” (BRASILEIRO, 1984, p. 21).

Outra condição, dá-se através do desejo íntimo de renunciar à condição humana: “E esta vontade estranha de ser pássaro/ corpo que se evade, ar na fresta...” (BRASILEIRO, 1980, p. 34). E ainda, o eu lírico encontra paz no convívio com a natureza, como modo de aquietar o espírito. O *Estudo 124* revela esta condição de apelo ao “sublime”, em que o poeta interage com a natureza num clima de perfeita harmonia com os demais seres. O poema nos transporta a uma atmosfera de mistério e redenção, aqui destacados em alguns dísticos (BRASILEIRO, 1980, p. 73):

Desce sobre mim a paz do longe,
a paz do sublime.

[...]

As beldroegas do campo também sabem
Que é enorme o segredo.

[...]

...E um calango
brinca em meus pés pois sabe que sou puro.

também a ideia de que os deuses não são senão criação de nossa imaginação, dada a condição ínfima que atribui à existência humana. A reflexão que faz Albert Camus (2004, p. 36), atina assim para a questão:

O espírito revolucionário está por inteiro em um protesto do homem contra a condição do homem. Nesse sentido ele é, sob diversas formas, o único tema eterno da arte e da religião. Uma revolução sempre se dá contra os deuses – a começar por aquela de Prometeu. É uma reivindicação do homem contra seu destino cujos tiranos e títeres burgueses são apenas pretexto.

Albert Camus desenvolveu um pensamento muito próximo do existencialismo de Sartre, embora negasse o título de “existencialista”. A Camus aplicou-se o termo “absurdismo” (CAMUS, 2014, s/p). A lírica de Antonio Brasileiro estabelece uma linha tênue com o “absurdismo” de Camus, em ambos há, sobretudo, este mergulho na alma humana, considerando o homem como “valor” e atrelado às condições sociais e culturais de seu tempo. Nesse sentido, a lírica de Brasileiro é existencialista.

O “absurdo” ou o “divórcio”, é uma atitude diante do mundo na qual o homem clama por resposta aos seus anseios e limitações, ou seja, “é uma confrontação entre o apelo do homem, em sua exigência de felicidade e razão, e o silêncio do mundo” (SILVA, 2014, p. 101). Assim, para Camus (2014, p. 48), “o homem verdadeiramente livre é aquele que, aceitando a morte como é aceita ao mesmo tempo as consequências – isto é, a inversão de todos os valores tradicionais da vida”. Deste modo, uma vez que o homem busque a felicidade ou o alento, este choque inevitavelmente se dará. E, diz-nos Brasileiro (2008, p. 92), que a “grande verdade” que o homem passa a perseguir é “apenas a sua verdade particular, a felicidade”.

Sua poesia é ainda influenciada pela filosofia mística oriental. O poeta, na década de 60, dedicou-se à leitura intensa do Zen-budismo –, que teria influenciado seu estilo de vida nos anos subsequentes. Em alguns poemas, como *Meditações do Avatara Maitreya*, há uma clara referência ao budismo⁸. O poeta aparece também como a figura do “iluminado”, ao tecer lições de sabedoria aos homens, como no *Estudo 175*, ou em *Prelúdio e fuga*, em que Brasileiro (1984, p. 58) insurge com versos assim:

...

⁸ Sidarta Gautama (Buda ou Buddha), que em hindu quer dizer “iluminado”, é o famoso príncipe do Nepal que se tornou, posteriormente, líder espiritual. Maitreya ou Maitria é como é conhecido o seu sucessor no budismo.

vamos cultivar a rosa
do himalaia

vamos ser mesmo irmãos
meu irmãozinho –

para que os sonhos não sejam
ventos fortes.

Essa “iluminação”, aparece como uma espécie de aconselhamento (“vamos cultivar...”, “vamos ser mesmo irmãos...”) a partir daquele que preserva uma sabedoria advinda de uma elevação espiritual. Todas estas operações em sua poesia se devem, sobretudo, à fragmentação do sujeito moderno – daí ser uma poética feita de “muitas faces (quase sempre difusas), ausência de identidade fixa, incerteza, metamorfose constante” (PEREYR, 2012, p. 79). São muitos os apelos de um poe­ta que se move, sobremaneira, sob o jugo de um eu lírico que muito interroga e se expõe contemplativamente. No *Estudo 201*, aparece com apuro este pulsar em Brasileiro (1984, p. 40), onde se lê:

Deixo-me
a meditar sobre o sentido das coisas
como todos os que pensaram sobre isto antes de mim
e concluíram.
A meditar
na impossibilidade de ser compreendido
ou incompreendido, sobre
todo o universo que vislumbro

Não são poucos os poemas de Brasileiro em que esse filosofar (“meditar sobre o sentido das coisas”), essa procura, em um nível existencial (“como todos que pensaram sobre isto antes de mim”), parece clamar por certa quietude de espírito ou atentar para a autocontemplação –, na medida que cada ser em si anela à necessidade de ser entendido ou assimilar o mundo ao seu redor.

Por fim, o refúgio ou recompensa para o eu lírico está na “mulher amada”, como no poema *Porto*, onde se lê os versos lírico-amorosos: “Tua suavidade é minha solidez/ Em ti, amada, é que meus sonhos repousam” (BRASILEIRO, 2005, p. 71). Ou ainda, nos expressivos versos: “O corpo da amada nua /o porto no fim das coisas” (BRASILEIRO, 2005, p. 52). Em última instância, o eu lírico encontra na memória poética ares de novidade, através de lembranças que alcançam o poeta – este se reinventa através da linguagem e parece alcançar um renovo espiritual. Vejamos a

seguinte estrofe do poema *Estudo 202* (BRASILEIRO, 1984, p. 41). Tem-se então que o recordar:

Revolve o coração, poema reto,
traz de lá o que não sabe a mente
enovelada em si mesma, empanzinada
de ideias, memórias, planos – revolve
o coração, poema reto, dá-me a alegria,
dá-me o que em mim é verdadeiramente.

A lírica de Antonio Brasileiro expressa-se com demasiado ceticismo, pois o eu lírico reconhece-se vítima da modernidade, e assim concentra a ideia de que: “Não há consertar o mundo:/ o mundo é um desconcerto” (BRASILEIRO, 2016, p. 82). Ao fim e ao cabo, na concepção de Paz (1982, p. 175), nos submetemos a essa condição, o fato de nos acharmos “sempre lançados para o desconhecido, finitos e indefesos, se converte num termos sido criados por uma vontade todo-poderosa a cujo seio temos de voltar”. No *Estudo 148*, Brasileiro (1980, p. 75) interpela:

Quem somos? Sabíamos
que é fim? É
silêncio
o nome que bradam
as máquinas obscuras
do Tempo? Que tempo?
Que tempos? Quem somos?

No poema, aparece reiteradamente a expressão “Quem somos? ”. A princípio, o eu lírico questiona: Quem somos nós, neste mundo pós-tradicional em que “as máquinas obscuras / do Tempo” é que operam em lugar dos homens? São versos que culminam com indagações, acentuando, assim, essa procura incessante. Finalmente, quando o poeta diz “que tempos/quem somos? ”, num plano existencial mais elevado, está se referindo à busca pela origem mesmo de todas as coisas, à metafísica, que discutiremos logo mais.

A poesia de Brasileiro não é confessional, prescinde de valores transcendentais que atingem o poeta, assim também o leitor comum, onde o artista “não mais participa em sua criação como pessoa particular, porém como inteligência que poetiza, como operador da língua”, cuja subjetividade, na lírica moderna, “não mais se pode decompor em isolados valores de sensibilidade” (FRIEDRICH, 1978, p. 17). O que faz decisivamente a poética de Brasileiro ser tão existencial, pois “não estamos diante de

uma poesia que apenas diz algo, veicula uma mensagem, mas que é um *ser-dizendo-se*, em suas consonâncias e em seus paradoxos” (PEREYR, 2012, p. 85).

Nos versos de *Patati Patatá* (BRASILEIRO, 2015, p. 142-143), um exemplo de como, diante da complexidade do homem e de seus dilemas, o poeta expressa o paradoxo inevitável que é o existir:

Os silêncios da mente o
meditar o mundo

Essas coisas ingentes e
nossa incompletude

...

A arte de viver
é cheia disto e aquilo

Em outro instante, acena: “Ah como o homem/ é cheio de inquietação/ e tolice” (BRASILEIRO, 2005, p. 26). Em Brasileiro se repete muito este esquema: o eu lírico retoma muitas vezes uma afirmação, e a nega ou a redefine, demonstrando assim esse conflito instalado em si mesmo: apesar de confirmar a ideia de que “de impossíveis sins/ somos feitos” (BRASILEIRO, 2005, p. 96), alguns poemas transigem essa intenção e parecem apontar um caminho. Como revelam estes versos de *Os feitos* (2005, p. 26):

Para isto somos feitos –
para glorificar nossos feitos
em odes, para aquietar
o peito, aquietar o peito

No poema, está implícita a ideia de que a poesia consegue alcançar o outro, através da consagração de um instante (“nossos feitos”), e que produz no eu lírico a sensação, ainda que fugidia, de paz. Considerando ainda as palavras de Ruy Espinheira Filho (1989, s/p): “Não se trata, pois, de uma poesia fácil, delicada, conformista. Nela não há amenidades – nem na faísca do verso nem em sua confiança”.

Valdomiro Santana (2014, p. 78-79) apresenta um aspecto crucial da lírica *brasileiriana*, quando fala: “A marca do mundo no sentimento de Brasileiro torna-se ontológica em toda a sua poesia”. E, como argumenta o autor, falamos de uma poética

sem “cor local”, visto que nosso poeta não colabora decisivamente com uma escola literária. Em síntese, como descreve Santana (2014, p. 15), Brasileiro inscreve na literatura “uma poesia que, moderna em sua concepção, singulariza-se na tradição poética brasileira porque sua expressão é, a um só tempo, universal, não localizada, e, portanto, reflexiva”.

De fato, uma leitura de sua poesia não nos fala de uma paisagem local ou especular, a exemplo do Sertão, território de tantas andanças do poeta. Não está submetida, ainda, a uma vertente temática. Não é, do mesmo modo, uma poesia dada a epifanias. Ao contrário, é um mundo interior que se abre constantemente à “outridade”⁹. Como na imagem de Paz (1982, p. 215), é o homem esta “flecha esticada, sempre rasgando o ar, sempre adiante de si, precipitando-se para mais além de si mesmo, disparado, exalado” ao encontro do “outro” que é ele próprio. Ainda que se veja em seu escopo alguns poemas lírico-amorosos, sobressai de modo pujante o elemento existencial – e que se manifesta através de uma inquietação, um desassossego em Brasileiro.

Como um caleidoscópio em seu giro, o que em sua poesia vamos vendo é a passagem, ora brusca, ora sutil, da objetividade prosaica para o que é reflexivo como pensamento, sentimento, sensação. Passagem essa que, mais do que um artefato poético, um recurso para expressar a emoção lírica, é o que cria e, mais além, compõe essa emoção (SANTANA, 2014, p. 79).

Poesia feita de espanto, Antonio Brasileiro nos oferta uma leitura da existência que, em todas as direções, enseja compreender e revelar a condição humana, estabelecendo uma proximidade com o filosofar. Até aqui, podemos afirmar que sua poesia não é existencial definidamente pelo tom filosófico que imprime ou, por que em alguma medida, esteja contaminada pelo “existencialismo” de Albert Camus. Ou ainda, se alinhe à doutrina de filósofos como Nietzsche e Heidegger. Mas, sobretudo porque:

Sua linha de força, o lirismo em que se entrecem reflexões e sentimentos, confirmando a noção atualizada de poesia como fonte de saber, mas, essencialmente, como forma de experimentação-vida, termo de inspiração nietzschiana, é o que faz com que sua leitura seja cada vez a primeira e cada vez a única (SANTANA, 2014, p. 16).

⁹ A outridade, de que fala Paz (1982, p. 219), se resume na ideia de que o ser humano se refaz a todo instante na temporalidade, confirmando a condição de que “o homem se realiza ou se completa quando se torna outro”, num processo contínuo.

A leitura da poesia de Brasileiro nos presenteia com esta “experiência”, como referenda Valdomiro Santana (2014, p. 16), da qual “não se sai senão transformado”. Eis que sua poesia, no que tange a realização deste poetar –, como caminho que aponta para a elucidação ou autocontemplação do indivíduo – é, sem dúvida, em magnitude, a promoção de um novo homem num renovo permanente.

2.2 PARA QUE SERVEM MESMO OS POETAS?

A primeira experiência de Antonio Brasileiro com a escrita ocorre ainda na adolescência, aos 14 anos. Mas, como dissera o autor, não produzira textos até então expressivos. Ao passo que, somente aos 21 anos, inicia sua trajetória como poeta. Taciturno, não afeito ao burburinho das cidades, Brasileiro vê-se poeta em plenitude, assim como pintor. Ambos agem com independência no universo do autor. A poesia constitui-se, deste modo, em um de seus domínios sobre o mundo, nas palavras de Valdomiro Santana (2014, p. 103-104), “liberar uma vida potente, uma força da vida, uma vida mais do que pessoal, nisso reside o que, para Brasileiro, é criar e compor um poema”.

O poeta, que conta hoje com 73 anos, não mais leciona. Encontra-se, assim, ainda mais compenetrado na solidez do silêncio, sem o qual nada pode “criar”, como afirma. Aliás, é de Brasileiro (2008, p. 91) a frase: “...tudo o que é penetrado de beleza nasce do silêncio”. Dedicar-se tão especialmente à feitura de poemas, que os atribui notas. Anota então num caderno, e além de dispor o título e data de cada criação, toma ainda o cuidado de contar o número de versos e palavras. Para compor, toma um lápis à mão e papel, e alguns versos já lhe saltam aos dedos. Mas, não é de todo nascido o poema: outras vistas ainda serão necessárias.

O que implica ser um fazedor de versos? E que “utilidade” pode ter o poetar? Para que servem mesmo os poetas? A última frase é subtítulo do mais recente artigo¹⁰, de Antonio Brasileiro, o qual retoma uma discussão já iniciada em ensaios anteriores, e que tratam da “crise da poesia”. São acolhidos para esta argumentação,

¹⁰ O título “ O luar através dos altos ramos (Para que servem mesmo os poetas?) ”, faz referência ao poema de mesmo nome, escrito pelo poeta Fernando Pessoa. De sua leitura do poema, Brasileiro (2014, p. 197) apreende que: “Não ver mais que o luar através dos altos ramos é também ver só o luar através dos altos ramos. Não há como não ser assim. Luar e ramos não são apenas “coisas” postadas ali, pelo menos para o homem. Luar e ramos “significam”. São “luar” e “ramos” porque lhes imprimimos um significado para que aquilo que vemos não seja outra coisa, mas luar e ramos. Se pouco significam para uma pessoa comum, o mesmo não ocorre com gente como Graves ou Drummond ou os poetas todos”.

ainda, os textos *O mal-estar da poesia contemporânea* e, especialmente, *Da inutilidade da poesia*, tese escrita pelo autor por volta do ano 2000. Cremos, dessa maneira, na necessidade de pontuar tais questões que, sobremaneira, acentuam a disposição e militância de Brasileiro a favor da poesia.

“A crise da poesia”, nos fala Brasileiro, começou há mais de cem anos. O poeta traz à tona uma discussão encabeçada pelo também poeta Friedrich Hölderlin, que interrogava sobre a “necessidade de poetas” num tempo de penúria. Acaso há quem possa pensar em poesia, diante da fome ou da guerra? Era o que também interpelava Heidegger em alguns ensaios. Justapõe-se a essa inquirição as palavras de Brasileiro (2014, p. 189), que vão além e rechaçam: “Servem mesmo os poetas para alguma coisa, não só num tempo de indigência, como em qualquer tempo?” O fato é que o desprestígio dado aos poetas e à poesia se deve ao declínio de nossos tempos. Brasileiro (2008, p. 81) acena:

Agiríamos, entretanto, com mais acerto se procurássemos compreender o papel dos poetas nesse jogo de forças antagônicas e dilacerantes que caracteriza a nossa época. Esse papel, a nosso ver, se relaciona com a aceitação da possibilidade de existência, nos poetas, de uma disposição que lhes é própria e, em parte, os define: qual seja, sua capacidade de detectar sinais de alarme que possam vir a tumultuar aquilo que imaginamos representar o invisível fluxo da Vida.

O poeta norte-americano Ezra Pound (2006, p. 78), dissera em seu tempo que “uma nação que negligencia as percepções de seus artistas entra em declínio. Depois de um certo tempo ela cessa de agir e apenas sobrevive” –, afirmação que soaria destoante para muitos. Talvez nem mesmo razoável. Brasileiro (2008, p. 19) admite, desse modo, que “mesmo a palavra “crise” já não cabe para explicar: o que acontece é que a poesia tornou-se inútil”. Quando o poeta diz ser “inútil” a poesia, na verdade, assinala a condição marginal que assume o fazer poético –, situação esta, já deflagrada quase há dois séculos.

Quando Platão estabelece a “República”, expurga os poetas em detrimento dos filósofos – para ele, aptos estes para a educação dos homens. Neste caso, segundo Brasileiro (2012, p. 27), talvez “o equívoco de Platão fora não ter percebido que o elemento destoante, que é o poeta, bem podia ser a pedra de equilíbrio do seu ideal de sociedade”. O que ocorre hoje, e o porquê desse “mal-estar” da poesia, não se deve a ela propriamente –, até mesmo porque sempre existiram bons poetas em todos

os tempos. Mas é algo que está no influxo da história, e que permeia os interesses da própria sociedade.

No século XIX, o fenômeno dos poetas românticos, por algumas décadas, fez do “transe poético” a condição de o poeta alçar voo à categoria de demiurgo, temos, então, que “os poetas são deuses libertadores”, na fala de Ralph Waldo Emerson (1991, p. 72), e mais: “Os homens realmente adquiriram uma nova percepção e acharam, dentro de seu mundo, um outro mundo ou ninho de mundos; pois, se a metamorfose foi vislumbrada uma vez, descobrimos que ela não se detém”. Sem dúvida, “a sempre evanescente experiência” na luminosidade das palavras, como acusa Brasileiro (2008, p. 84), possibilita ao pensar poético esse transmutar sem limites.

Porém, mesmo com todo o seu arrojo, o episódio romântico passou. Desde então, para o poeta moderno, “o fato inerradicável de sua individualidade é que vai traduzir os anseios de todos; algo de não desfigurado e não captado nele se preserva, e é isso o que torna sua voz universal” (BRASILEIRO, 2012, p. 117). Diferentemente do “profeta”, não há no poeta esse compromisso de traduzir os anseios de todos os Seus, senão através da “leitura” extemporânea que este ou aquele poeta cumpra, ao seu belprazer: “não queremos falar das tragédias coletivas – sob quais bandeiras foram deflagradas? – nem da dolorosa solidão que as pessoas às vezes dizem sentir...”, esclarece Brasileiro (2012, p.137). Podemos ver isso em *Arte Poética*, no qual o poeta irrompe assim (1984, p. 52):

Meus versos são da pura essência
dos poemas inessenciais.

Nada dizem de verídico
não querem nada explicar.

Não narram o clamor dos peitos
não encaram a dor do mundo.

A alquimia do verbo não se detém em irradiar este ou outro tema, em Brasileiro. Não se destina, do mesmo modo, à revelação de qualquer desígnio, posto que sua poesia “nada quer explicar”, ou não se propõe a espelhar as sutilezas, sensações e comoções da alma humana: “clamores” e “dores”. Quando escreve “Meus versos”, entendemos que Brasileiro faz, do poema em questão, a própria revelação de sua poesia. De modo que “seus versos”, como atribui, são “pura floração de

irresponsáveis”. Como metáfora, representam “flores nascidas nos manguezais”, graciosas, ainda que não “tocadas” pelos homens. Nos versos de *Procura da poesia*, Carlos Drummond de Andrade (2000, p. 12), chama a atenção para este dizer da poesia –, que não pode estar atrelada a fatos e sentimentalidades:

Não faças versos sobre acontecimentos.
 Não há criação nem morte perante a poesia.
 Diante dela, a vida é um sol estático,
 não aquece nem ilumina.
 As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
 Não faças poesia com o corpo,
 esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à
[efusão lírica

Contudo, comunica Brasileiro (2012, p. 143): “ao buscarmos a inespessura das ideias, não nos cegamos para o mundo. Até pelo contrário, dotamos o mundo da tenuidade de que ele necessita para tornar-se legível”, isto é o que, para o mesmo, se constitui como poetar. E implica, por sua vez, na consciência de que o poeta sempre está um passo adiante dos demais homens: “como aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEN, 2009, p. 62). Ainda na acepção de Giorgio Agamben (2009, p. 63), o poeta é, pois, como aquele que escreve “mergulhando a pena nas trevas do presente”.

Drummond, do mesmo modo, assinala em sua poesia essa incansável consciência do papel do artista diante do mundo e dos homens, cujos ideias de justiça e liberdade estão sempre comprometidos. O poeta introduz uma reflexão que está para além da concepção da arte como purificação da alma, mas algo que vai de encontro à humanidade num espírito reformista do mundo. Wisnik (2005, p. 24) fala que “a poesia de Drummond é a poesia de um tempo em que pensar o mundo é pensar expressamente, e cada vez mais, o (não) lugar da poesia no mundo: o mundo exclui a poesia, e a poesia insiste em incluir o mundo”.

Temos em Brasileiro a mesma preocupação que já se instalava em Drummond pelos idos de 1952, quanto ao fazer poético e à proliferação de “pseudopoetas”. Para usar a expressão de Brasileiro, esses “estropiadores” se multiplicaram sobremaneira nos dias atuais –, dentre os quais se encontram: professores, acadêmicos, colunistas, editores etc. Brasileiro acena para o que chama de “complô da mediocridade” nas últimas duas décadas no Brasil, e que compromete, de algum modo, este prosseguir que reside no poder milenar da poesia. E acrescenta que “numa época de

simplificação da linguagem, e de insensibilidade em relação às formas, há que se pensar mesmo na poesia como uma “coisa preservada...” (BRASILEIRO, 2008, p. 25). O que dizia Drummond (1987, p. 24), décadas atrás, de maneira alguma nega o que hoje ainda é consenso:

Mas o escritor continua mais ou menos um marginal no processo de desenvolvimento, que é puramente econômico, sem sentido cultural. O mercado que se abre para o livro ainda está na infância, com todo o rosário de “moléstias infantis”. A literatura resiste como forma de solidão à margem de 110 milhões de seres.

Em última análise, rigor estético é assunto que pavoneia o discurso, a retórica e, naturalmente, a poesia de Brasileiro. Em *Concerto para a mão esquerda*, a poesia aparece como condição viável e solidária, na tentativa de alcançar o outro. Num raro momento de amabilidade, o eu lírico exclama (BRASILEIRO, 1984, p. 37):

Tão logo me deixem com meus poemas
 indevassáveis
 haverei de transmitir tanta alegria
 aos vossos corações trancados/ duros
 que lágrimas rolarão dos vossos olhos
 (trancados/
 duros)
 e estarei ao vosso lado, poeta e humano,
 coração bom – pois é do coração ser todo bom
 (poeta ou humano)

...

Ainda que sejam “indevassáveis” os versos do poeta, o mesmo aparece como possível “chave que abrirá todo segredo” –, que não é, senão, a condição de sua poesia. O poema nos aponta, assim, esse desejo incontido de o eu lírico encontrar-se com o semelhante, mas este anseio ou encanto só será plenamente satisfeito através da “redenção” (“...pois é do coração/ render-se um dia – em forma de um sorriso/ou mil lágrimas/”). Pereyr (2012, p. 78) considera ainda que “em última instância, o motivo que o leva a querer restabelecer a comunhão, num nível, é o mesmo que, em outro, o leva a romper com o (ou com certo) leitor. É a condição da poesia moderna: não pode haver unidade sem haver ruptura”.

Outro aspecto a se observar na poesia de Antonio Brasileiro, é o fato de ser ela metafísica¹¹. E como a metafísica sonda o íntimo das coisas (“existência”), e em que elas se constituem (“essência”), na poesia de Brasileiro ela aparece sempre que o eu lírico se posiciona diante da realidade e dos homens, numa tentativa de alcançar, em plenitude, a compreensão dos mesmos. Como já dissemos, o poeta estabelece uma linha tênue com o filosofar, onde o “pensar” e o “poetar” se interpenetram. O ceticismo que se vê na poesia de Brasileiro, e que colabora também nesse processo, encontra correspondência, a exemplo, na poesia de Fernando Pessoa.

Brasileiro, em seu recente lançamento, *Lisboa 1935*, homenageia o poeta português com um poema de mesmo título, e que faz referência ao ano de morte do poeta luso. Em tom intimista, brinca com a possibilidade de ter ele avistado Pessoa, ou, até mesmo, de ter sido seu pai. Eis o poema (2015, p. 26):

Eu queria ter vivido
ali.

Quem sabe, avistasse
o Fernando:

Olá, Fernando!

Eu, setenta anos. Ele
meu filho.

O poema parece expressar um saudosismo em Brasileiro, através do desejo íntimo de o poeta almejar esse “encontro” com a figura de Pessoa. Diz José Pereira de Sousa (1994, p. 55), sobre Fernando Pessoa, que “pelo amor que devotou à Língua, merece a reverência nacional. Pelo modo como descreve passos anímicos será atentamente devorado por todos os homens de pensamento do mundo...”¹² Pessoa, particularmente, dedicou-se aos estudos da filosofia, tendo se debruçado sobre a obra de autores como Platão, Kant, São Tomás, dentre outros. E teria,

¹¹ Metafísica: “aquilo que é condição e fundamento de tudo o que existe e de tudo o que puder ser conhecido” (CHAUI, 2010, p. 183).

Contudo, Brasileiro não se enquadraria na categoria dos chamados “poetas metafísicos”, que até meados do século XVII, designava uma leva de poetas, a exemplo de John Donne, Cleveland e Marvell. Como diz Eliot (1989, p. 113), “a expressão foi há muito relegada por constituir um termo de mau uso, ou como rótulo de um estranho e sofisticado gosto”.

¹² SOUSA, José Pereira. Minha Pátria é a Língua Portuguesa. In: **Quinto Império (Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa)**. n. 3, 1º Sem.1994.

portanto, procurado chegar a termos com as principais indagações metafísicas pré-existentes¹³.

Alberto Caeiro, o “mestre antimetafísico”, é o primeiro dos heterônimos nascidos na tríade heteronímica. A poesia de Caeiro faz contraponto ao pensamento filosófico, propondo, desse modo, sua “teoria dos sentidos”. Em *O guardador de rebanhos*, lemos assim na segunda parte do poema (PESSOA, 2009, p. 24):

Porque pensar é não compreender...
O mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo.

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos

...

Ao longo do poema, Caeiro vai contrapondo através da física (exaltação à Natureza) e do ceticismo, os preceitos metafísicos. Na quinta parte do poema, o próprio termo “metafísica” aparece, evidenciando esse contraste entre o “físico” e o “metafísico” na tônica de sua poesia (2009, p. 29-30):

Há metafísica bastante em não pensar em nada.

[...]

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos

...

Mas que melhor metafísica que a delas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem saber que o não sabem?

Semelhantemente aos versos acolhidos da poesia de Caeiro, temos no poema *Ensaio menor 2*, de Brasileiro, um exemplo de como também a fugacidade na contemplação da natureza, ou seja, o aspecto físico se sobrepõe ao pensamento metafísico, onde vemos (2005, p. 218):

¹³ Para José Gil (1988, p. 129) houve uma espécie de rompimento com o pensar filosófico, e que coincide justamente com o surgimento da gênese heteronímica pessoana, isto por volta de 1914 –, é “como se, para Fernando Pessoa, as certezas totalizantes da metafísica lhe barrassem o caminho da exploração poética do Desconhecido e do Mistério”.

Nos dias escuros,
em que a alma parece meditar o mundo,
olho uma plantinha ingênua a crescer
e não vejo nada mais sublime que o tempo
passando.

Uma vez que o mundo se apresenta caótico, sombrio, para o eu lírico, a natureza aparece como elemento circunstancialmente apaziguador. E, ao mesmo tempo, “pensar o mundo” é inevitável. A facticidade, o “facto” de que somos forçados a confrontar as adversidades, tais quais elas se nos apareçam, desorienta, desterritorializa o poeta, instalando esse conflito permanente. Em *Sonatina*, ele escreve:

Não quero mundos não quero
Não quero mundos:

quero este campo de brancas
beldroegas.

Na poesia de Brasileiro, o pensamento metafísico que mais se evidencia, é o que questiona a “gênese” de todas as coisas, sobretudo a humana, dada a necessidade de o eu lírico encontrar respostas para suas crises. No poema *Perguntas em forma de A*, podemos ver como essas indagações aparecem (2005, p. 212):

Quem sou eu, corvo das trevas?
Ou da luz? Quem sou, que faço
nessas paragens do ser?
E que destinos me cabem?

Falsa é a perfeição, reflexo
do meu não saber datar-me?

E o outro? Quem sou o outro?

São perguntas ontológicas, que propõem decifrar o enigma maior: o da existência humana. Quando o poeta diz, “Quem sou, que faço/ nessas paragens do ser? ”, “E que destinos me cabem”, em outras palavras, introduz a pergunta: a que vim? Já no segundo verso da estrofe seguinte, esse “não saber datar-me”, aponta para a impossibilidade de fixar a origem do surgimento do homem. Por sua vez, o poeta emenda: “E o outro? Quem sou o outro? ”, esse pensar apontaria para uma reflexão mais elevada. Nesse sentido, a pergunta seria “Quem sou eu, se não sou eu

mesmo? ". Na quarta estrofe de *As coisas do mundo*, esta indagação aparece do seguinte modo (2005, p. 78):

Dentre as coisas, uma
nunca é tão mistério:
não sabemos nunca
quem somos nós mesmos.

Desse modo, a poesia de Brasileiro propõe discutir, através da metafísica, essa prospecção que é sua própria condição de estar e permanecer no mundo, como diz ainda Myriam Fraga (2005, s/p), ao afirmar que o poeta “apura sua dicção no sentido de transmitir, o mais claramente possível o enunciado de um enigma permanente e antiquíssimo: o ser do homem no universo, sua origem, seus fins”.

Em síntese, esse lugar de privilégio que deveria dar-se ao poeta, e, o que decisivamente, segundo Brasileiro, se constitui no descortinar da própria poesia, encontra-se na afirmação de Arthur Rimbaud (1995, p.17), quando este diz que o poeta é “enormidade se fazendo norma”–, se acolhido por todos –, se constituiria “num multiplicador de progresso”. Uma vez que o poeitar estende de par a par esta cumplicidade entre o eu lírico que enuncia e o interlocutor, na poesia de Brasileiro torna-se possível essa metamorfose da existência –, em que a alma humana, como que penetrada por um novo lume, alcança, através da palavra, outras significações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A lírica de Antonio Brasileiro, como argumentamos, é “existencialista”. Se se puder ampliar o termo para “existencial” ou mesmo “filosófica”, melhor a definiremos. Isto porque trata-se de uma poesia cujo tema primordial é o próprio homem, suas virtudes e ignomínias, aventuras e anseios. A experiência que se apreende de sua escrita é, decisivamente, a de consonância com as questões mais latentes que envolvem os indivíduos na pós-modernidade. E que na lírica de Brasileiro, sopesamos estar entrelaçada à ideia permanente de busca pela origem de todas as coisas, do próprio ser, como condição que resolveria os enigmas da existência. Desse modo, é no filosofar que o eu lírico tece o seu diálogo com o mundo, e elabora a possibilidade de transigir o momento presente.

A vida no planeta nunca esteve tão turbulenta. No que tange à própria existência na Terra, a precipitação de catástrofes naturais em tempo algum se mostraram tão imprevisíveis e destrutivas. Para a vida em sociedade, as nações apontam para um clima de mudanças estruturalistas, como possíveis colapsos de economias hegemônicas. Isto significa que, conseqüentemente, estados-nações se fechariam para o mundo, passando a governos totalitaristas. Ainda outras demandas preocupam neste terceiro milênio: o poderio e a expansão de grupos extremistas e separatistas, o grande potencial bélico e nuclear, os choques de coalizões em qualquer tempo, que atingem em cheio o núcleo da constituição humana.

Os humanistas, através do Renascimento, por volta do século XVI, inauguraram esse *novo homem*, nascido da racionalidade, para quem o *Ser* é o centro de tudo. Onde quer que se vá, o homem e seus feitos paginam a história, o agora e o porvir, na tônica das nações. Assim, ciência e religião, filosofia e ocultismo, e a própria arte, dentre outros saberes, se constituem em maneiras de ser e estar no mundo –, para tudo o que ousamos empreender enquanto sujeitos. André Comte-Spoville (2009, p.199) diz que o homem “não é nem anjo nem animal, mas o encontro impossível e necessário entre os dois”, temos assim, também nessa afirmação, a confirmação de que somos um paradoxo, ao dizermo-nos ou negarmo-nos.

A poesia, que há milênios, acontece como forma de encantamento, muito embora “como seres especiais — mas sobretudo julgando-se eles próprios seres especiais”, os poetas não tenham encontrado essa aquiescência em dias atuais (BRASILEIRO, 2014, p.187). Poderá, o fazer poético, ser apreendido como uma

utopia, pelas gerações futuras? Por outro lado, há esperança quando se fala de “criação”, e tanto mais quando se entende a real importância deste desígnio, a consciência de que o poeta, em plenitude, situa-se como o guia, em seu ofício de escrevinhar a realidade através do imaginário poético.

A lírica moderna tem, na poesia de Antonio Brasileiro, a exaltação da condição humana e suas vicissitudes, revelada por um eu lírico que interroga, investiga e incita o leitor a essa busca ou encontro consigo, na consagração do instante poético. Somos levados, muitas vezes, através de seus versos, a tentar dirimir nossos dilemas. Sua lírica aponta, assim, que o filosofar é doravante necessário, como é o poetar, dada a condição especial em que acontece.

Desse modo, apreende-se, da estética de Antonio Brasileiro, uma escrita pejada de ironia, de que se vale o autor, para trazer à luz inquietações, enigmas manifestos pelo eu lírico, e que se estabelece através de uma crise instalada no sujeito moderno, o qual não encontra lugar de permanência. A ira dirigida permanentemente aos homens e a Deus, é uma das facetas de sua poesia, que tem já, por catastrófica, a condição humana –, seja ela concebida por um ato divino ou ventura.

O misticismo, o arraigado ceticismo, e, decisivamente, a metafísica em Brasileiro, colaboram para a condição de ser uma poesia existencial. No que se propõe, filosoficamente, é uma lírica que aponta para essa condição do homem como substrato e seu principal oponente, no tecer o amanhã (ou em todos os tempos). Encontramos, assim, na estética de Brasileiro, esse embate, em que o poeta se reinventa e inventa destinos, num processo em que verdades absolutas, não a temos sequer.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Rosa do Povo**. 21 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Tempo, vida, poesia**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Do penhor à pena: estudo do mito de Don Juan, desdobramentos e equivalências**. Ilhéus: Editus, 2005.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. *In*: CHIAMPI, Irlemar. **Fundadores da Modernidade: estudos literários**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Geográfica, 2001. 299p.

BOEHNER, Philotheus e GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BRASILEIRO, Antonio. **Os três movimentos da sonata**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1980.

_____. **A pura mentira**. Rio de Janeiro: Philobilion; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

_____. **Licornes no quintal**. Salvador: EGBA; Fundação das Artes do Estado da Bahia, 1989.

_____. **Poemas reunidos**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, FUNCEB, 2005.

_____. **Lisboa 1935**. Itabuna: Mondrongo, 2015.

_____. **A estética da sinceridade & outros ensaios**. 2. ed. Feira de Santana: UEFS, 2008.

_____. **Da inutilidade da poesia**. Rio de Janeiro: 7 Letras; Feira de Santana: UEFS, 2012.

_____. **O luar através dos altos ramos** (Para que servem mesmo os poetas?). *Léguas & meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural*. Feira de Santana: UEFS, A. 13, n.6, 2014.

CAMUS, Albert. **A guerra começou, onde está a guerra?** São Paulo: Hedra, 2014.

_____. **A desmedida na medida**. São Paulo: Hedra, 2014.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.

COMTE-SPOVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. 2 ed. São Paulo; Editora WMF Martins Fontes, 2009.

DUARTE, Lélia Parreira. Ironia, humor e fingimento literário. *In: Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras /UFMG (Caderno de pesquisa V.15), 1994.

ECO, Humberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ELIOT, T.S. **Ensaaios**. São Paulo: Art Editora, 1989.

ESPINHEIRA, Ruy. Orelha de livro. *In: BRASILEIRO, Antonio. Licornes no quintal*. Salvador: EGBA; Fundação das Artes do Estado da Bahia, 1989.

FRAGA, Myriam. Orelha do livro. *In: BRASILEIRO, Antonio. Poemas reunidos*. Salvador: EGBA, 2005.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX**. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIL, José. Metafísica e heteronímia na obra de Fernando Pessoa. *In: Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa*. Lisboa: Fundação Calouste Gilbenkian, 1988.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. 5 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

KLEE, Paul. **Sobre a arte moderna e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NUNES, Benedito. **Hermenêutica e poesia: o pensamento poético**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEREYR, Roberval. **A unidade primordial da lírica moderna**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

PESSOA, Fernando. **Poesia de Alberto Caeiro**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PRODANOV, Cleber Cristiano e FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIMBAUD, Arthur. **Poesia completa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

SANTANA, Valdomiro. **Experimentação-vida: a poesia de Antonio Brasileiro**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. 3 ed. Lisboa: Presença, 1970.

SEIXAS, Cid. **Da invenção à literatura**. Textos de teoria e crítica. Ilhéus: Rio de Engenho, 2015.

SILVA, Nilton. "Prefácio". *In: A desmedida na medida*. São Paulo: Hedra, 2004.

WISNIK, José Miguel. Drummond e o mundo. *In: Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.